



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

MARIA ANIELLE DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA DIRECIONADA À PRÁTICA
DOCENTE ATRAVÉS DO GÊNERO CORDEL**

GUARABIRA

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Maria Anielle da.
Variação linguística [manuscrito] : uma experiência
direcionada à prática docente através do gênero cordel / Maria
Anielle da Silva. - 2021.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Variação linguística. 2. Cordel. 3. Sala de aula. I. Título
21. ed. CDD 414

MARIA ANIELLE DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA DIRECIONADA À PRÁTICA
DOCENTE ATRAVÉS DO GÊNERO CORDEL**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como obtenção do título de Licenciatura em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega

GUARABIRA

2021

MARIA ANIELLE DA SILVA

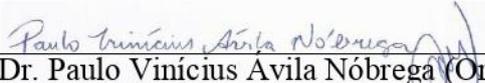
**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: UMA EXPERIÊNCIA DIRECIONADA A PRÁTICA
DOCENTE ATRAVÉS DO GÊNERO CORDEL**

Trabalho de conclusão de curso (Monografia) apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como obtenção do título de Licenciatura em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Sociolinguística e Ensino.

Aprovado em: 29 / 09 / 2021

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Paulo Vinicius Avila Nóbrega (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi
Centro Universitário de Patos (UNIFIP)


Prof. Ma. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, aquele que me deu a vida e me ama incondicionalmente, que além de me dar motivos para sorrir me faz ainda sentir sua presença surreal em todas as minhas angústias. Em segundo lugar, a minha família que direta ou indiretamente me acolheu em momentos muito difíceis durante minha jornada pessoal e acadêmica. Em terceiro, dedico ao meu melhor amigo, namorado, noivo e futuro esposo, o qual foi direcionado por Deus para me amar e cuidar tão bem de mim. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao professor doutor Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, pelo auxílio, paciência e dedicação direcionados a melhoria e desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu pai, Severino (*in memoriam*), à minha mãe, Ana, pelo incentivo e amor que me deram desde criança me ensinando a amar, respeitar e a ser forte; pelos puxões de orelha em momentos necessários e por me mostrarem que a educação transforma as pessoas em melhores. Embora meu pai não esteja presente fisicamente, senti sua presença muitas vezes durante todo o curso e sei que o mesmo, assim como minha mãe, se orgulharia em me ver formada.

Ao meu companheiro e futuro esposo Tiago, pelo apoio emocional em momentos de ansiedade e angústia, por ter segurado em minha mão muitas vezes me impedindo de desistir do que Deus preparou para mim e para nós. Obrigada, meu amor, pela sua grande amizade ao longo dos nossos quatro anos e nove meses de convivência.

As minhas tias e irmãs, pelo cuidado, compreensão e por me motivarem sempre a não desistir dos meus sonhos; a minha avó que me acolheu tão bem em sua casa durante os três anos de estudo presencial, me mostrando que a mesma também estava ali torcendo para que desse certo.

Aos professores da UEPB do curso de Letras Português, pelos conhecimentos transmitidos e por mim adquiridos que levarei para toda a vida.

Aos meus amigos de classe e da vida, pelo apoio, amizade e ajuda em momentos que eu mais precisei. Agradeço também ao pessoal do grupo PIBID (2018), pelo apoio e compreensão, em especial a professora Evanice que tanto me acolheu e me ajudou em um momento muito difícil da minha jornada de vida.

“Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua” (BAGNO, 1999, p. 9).

RESUMO

O ensino voltado à variação linguística permite aos educandos o conhecimento sobre a língua, tendo em vista que é bastante comum observarmos estudantes se referindo à Língua Portuguesa como difícil de aprender e por em prática. Pensando nisso, propomos uma discussão sobre o tema variação linguística a partir do gênero cordel neste trabalho, o qual possibilita aos estudantes não apenas uma gama de conhecimentos sobre o assunto, bem como facilita o processo de ensino-aprendizagem através de sua dinamicidade de conteúdo. Perante isso, o objetivo desta pesquisa é apresentar como pode ser relevante a abordagem das variações linguísticas a partir do gênero cordel em sala de aula. Com base nisso, temos como objetivos específicos: **a)** destacar o dinamismo da língua e seus processos de variação ao longo do tempo e de contextos culturais; **b)** explicar, a partir de uma vivência em sala de aula, aspectos relacionados à heterogeneidade linguística dos alunos através do gênero cordel; **c)** apresentar uma proposta de atividade voltada à prática docente acerca da variação linguística presente no mundo social e no mundo educacional através do gênero cordel. Para tanto, os teóricos e documentos que nortearam esta investigação são compostos por Bagno (1999); Bortoni Ricardo (2004), Coppi (2014), Brasil (2008), Brasil (1998), Santos (2005), Brasil (2017) os quais possibilitaram o desenvolvimento do capítulo sobre variação linguística. Seguidamente, Brasil (2018), Marcuschi (2010), Souza (2018), Melo (2014), Teixeira (2008), serviram de apoio perante as discussões sobre gênero textual e gênero cordel. Foram utilizados também Fiorin (2011), Assaré (2005) e Antunes (2003) como suporte para o capítulo voltado para a experiência em sala de aula. Sucessivamente, o método de análise desta pesquisa seguiu a abordagem qualitativa seguida de cunho bibliográfico. Portanto, a análise mostrou que há uma carência de estudos voltados para o ensino da variação linguística especificamente direcionada ao gênero cordel, haja vista que este gênero é indispensável na sociedade uma vez que trabalha com aspectos interacionais e culturais.

Palavras-Chave: Variação Linguística. Cordel. Sala de aula.

ABSTRACT

The teaching focused on linguistic variation allows students to gain knowledge about the language, considering that it is quite common to see students referring to the Portuguese Language as difficult to learn and put into practice. With this in mind, we propose a study on theme linguistic variation through the twine genre in this work, which provide on students not only a range of knowledge on the subject, but also facilitates the process teach-learning through its dynamic contents. Given this, the objective of this research is to present as power be relevant the approach of linguistic variations by means of twine genre in classroom. Based on this, we have as specific objectives: **a)** highlight the dynamism of language and your processes from variation over time and cultural contexts; **b)** explain, by means of a experience in classroom, related aspects on linguistic heterogeneity of the students through twine genre ; **c)** to present a of exercise proposal returned on teaching practice regarding linguistic variation present in the social world and on educational world through twine genre. For this purpose, the theoreticals and documents what orientate this investigation be composed by Bagno (1999), Bortoni Ricardo (2004), Coppi (2014), Brasil (2008), Brasil (1998), Santos (2005), Brasil (2017), Brasil (2008) whom enabled the development of chapter about linguistic variation. Subsequently, Brasil (2018), Marcuschi (2010), Souza (2018), Melo (2014) and Teixeira (2008) served of support the questions about textual and gender twine. Went used also Fiorin (2011), Assaré (2005) and Antunes (2003) as support for chapter facing to experience in classroom. In addition, the method of analysis this work followed the qualitative approach and of bibliographic examination. Therefore, the analysis revealed what there is a lack of studies facing teaching of linguistic variation, especially directed in twine gender, considering that what this gender is indispensable in the society, since work with cultural interactional aspects.

Keywords: Linguistic variation. Twine. Classroom.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABLC - Academia Brasileira de Literatura e Cordel

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CBC - Currículo Básico Comum

LP - Língua Portuguesa

OCNEM - Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

PCNS - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ESTUDOS DA VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO	15
3 DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	18
4 O GÊNERO TEXTUAL CORDEL E O ENSINO	20
5 METODOLOGIA	24
6 CORDEL ISPINHO E FULÔ DE PATATIVA DO ASSARÉ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO POR BOLSISTA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID, 2018).....	26
6.1 PASSO A PASSO DA EXPERIÊNCIA	27
7 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

É comum observarmos alunos se referindo à Língua Portuguesa (LP) como algo difícil de entender, além de apresentar resistência à adequação à norma padrão da LP, ou seja, alguns estudantes questionam a introdução das normas não apenas como algo intrincado, mas também como alguns docentes não esclarecem as especificidades entre a norma padrão e a norma não padrão da LP.

Com tal característica, o estudo o qual realizamos, trata o ensino da variação linguística como conteúdo imprescindível no ensino de LP e que pode, nomeadamente, minimizar os efeitos danosos em torno dos preconceitos linguísticos cunhados sobre as classes inscritas sob o estigma da periferia.

Distanciando-nos de abstrações, e com o objetivo de ponderarmos acerca de cenários reais, a nossa pesquisa foi desenvolvida através de uma experiência enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID, 2018)¹, em que eu², juntamente com mais três bolsistas, levamos essa temática para sala de aula em uma escola da cidade de Araçagi- PB no período do ano de 2019.

Por meio da temática ora apresentada, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar como pode ser relevante a abordagem das variações linguísticas a partir do gênero cordel em sala de aula.

Com base nisso, temos como objetivos específicos: **a)** destacar o dinamismo da língua e seus processos de variação ao longo do tempo e de contextos culturais; **b)** explanar, a partir de uma vivência em sala de aula, aspectos relacionados à heterogeneidade linguística dos alunos através do gênero cordel; **c)** apresentar uma proposta de atividade voltada à prática docente acerca da variação linguística presente no mundo social e no mundo educacional através do gênero cordel.

Além disso, este trabalho traz como principal problemática, aspectos relacionados ao preconceito linguístico que comumente ocorre na LP, tanto sobre o âmbito educacional como na sociedade em geral. À vista disso, atividades que possibilitem o aluno a reflexão sobre os aspectos sociais e culturais pautados no seu dia a dia, podem, de certa forma, orientá-los a conhecer a riqueza lexical da sociedade brasileira. Através dessa linha de análise, propomos uma sequência de atividades que servirão de apoio para o ensino desta temática.

¹O Programa PIBID proporciona aos graduandos uma formação profissional ainda no período de graduação, tendo por objetivo a valorização do papel docente como também a melhoria da educação, proporcionando assim uma maior qualidade ao ensino e aos estudantes de Ensino Básico e aos Universitários.

²Foi utilizado a primeira pessoa do singular uma vez que a pesquisa aborda uma experiência real com a sala de aula fazendo possível o uso do “eu” dentro do texto.

Dessa forma, para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos como metodologia uma abordagem qualitativa, em virtude de que almejamos a valorização da fala diante dos traços culturais contidos nela. Para tanto, Silveira e Córdova (2009, p. 32) afirmam que “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Evidentemente, torna-se relevante a utilização da pesquisa qualitativa para a produção deste trabalho.

Esta pesquisa, por ser resultado de uma vivência, constitui-se como fundamental concernente ao ensino, considerando-se que ela estabelece mais visibilidade social para os docentes trabalharem com o gênero cordel, à medida que esse gênero problematiza imagens típicas da cultura popular de um povo, e nele, com efeito, estão contidos os falares regionais que, em contraste com a cultura erudita, ainda são segregados.

Nessa direção, a proposta apresentada em nossa pesquisa, que se centra no eixo do ensino da variação linguística e no uso do cordel como objeto de ensino, pode ser trabalhada tanto no Ensino Fundamental I quanto no Ensino Fundamental II ou, até mesmo, nos anos do Ensino Médio pelo fato de preocupar-se com a interação e, conseqüentemente, com os diversos contextos sociais do aluno diante de seu recurso vocabular, levando em consideração a sua bagagem cultural e seu entendimento de mundo.

No entanto, optamos por estabelecer o 8º (oitavo) ano do Ensino Fundamental, em virtude de que foi nesta turma que exercemos a nossa experiência enquanto membro participante do PIBID no período supracitado.

Vale ressaltar ainda que a escolha do cordel e não de outro gênero, remete às variações linguísticas contidas nos versos, facilitando o fácil reconhecimento e a proximidade entre educador/aluno acerca do trabalho com questões sociolinguísticas.

Para conduzir as discussões de nosso objeto de pesquisa acerca da variação linguística e preconceito linguístico no ensino, utilizamos como corpus teórico: Bagno (1999), Brasil(1998), Brasil (2017) Brasil (2008), Bortoni Ricardo (2004), Coppi (2014), Santos (2005), entre outros.

Seguidamente, Antunes (2003), Assaré (2005), Brasil (2008), Marcuschi (2010), Melo (2014), Fiorin.(2005), Souza (2018) e Teixeira (2008) serviram de aporte teórico para as discussões sobre gênero textual, gênero cordel e ensino bem como para complementar o capítulo voltado para a experiência em sala de aula.

A partir dos pontos já evidenciados, estruturamos este trabalho em algum sete capítulos. Inicialmente, a parte introdutória; em seguida, um estudo voltado para a variação e

preconceito linguístico no ensino, sobre o qual evidenciamos o quanto é necessário levar aos alunos o entendimento da língua em seus desdobramentos culturais, como também para os educadores que desconhecem o uso e a prática deste ensino.

No capítulo seguinte, retratamos como alguns autores, assim como os documentos oficiais da educação, discorrem a respeito da variação linguística, bem como, a forma pela qual essa base teórica deve ser aplicada ao ensino proposto em nossa temática. Posteriormente, destacamos um capítulo sobre o gênero cordel a fim de explicar sua origem e sua importância para o ensino. Seguidamente, apresentamos as noções de embasamento da pesquisa científica que, por sua vez, fundamentam este trabalho, sendo elas: método de abordagem bibliográfica e o método de pesquisa qualitativa.

A seguir, organizamos em um capítulo, relatos de nossa experiência em sala de aula enquanto bolsista do PIBID abordando como e de qual forma foram aplicadas as atividades voltadas para o projeto “Sonho poético”, desenvolvido em uma escola da cidade de Araçagi-PB no ano de 2019). Por fim, trazemos uma proposta de atividade relacionada ao ensino da variação linguística em dialogia com o gênero cordel, e em seguida, a conclusão, expomos as considerações finais e as referências utilizadas.

2 ESTUDOS DA VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO ENSINO

Para darmos início a este capítulo, trazemos uma citação de Bagno (1999, p. 9) o qual descreve que “Existe uma regra de ouro da Linguística que diz ‘Só existe língua se houver seres humanos que a falem’” reforçando, a partir disso, o quanto a fala é extremamente importante no meio socio comunicativo.

A partir desta linha de raciocínio, podemos perceber que a linguagem humana vai se moldando de acordo com a necessidade dos falantes, à medida que a mesma é heterogênea. Contudo, a heterogeneidade lexical não é sinônima de equidade entre as pessoas, haja vista que há conflitos entre culturas por não haver consenso acerca das diferenças linguísticas.

Apesar disso, o ensino da variação linguística em conjunto ao cordel não outorga exclusivamente os falantes a reconhecerem quais são os eventos da fala, mas, também ossifica um meio eficaz para a quebra do “preconceito linguístico”, considerando-se que ao docente não é dada a liberdade de tratar o falar do alunado como prática de humilhação.

A respeito disso, Bortoni-Ricardo (2004) vai enfatizar que alguns estudiosos, professores e linguistas defendem que uma pedagogia que trata o erro do aluno a fim de humilhá-lo, está agindo totalmente de forma equivocada, por ser uma pedagogia que não se detém a observar as diferenças do outro como algo comum.

Não obstante, a autora retrata como adequada a pedagogia na qual o professor se detém a uma didática que aborda e respeita as diversidades linguísticas dos alunos. Por isso, “[...] Uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 37-38).

Evidentemente, a autora reflete sobre o papel do docente ao lidar com a diversidade linguística de cada aluno, pois, em uma sala de aula com trinta alunos, por exemplo, é previsível que esses trinta alunos não falem de forma igual, na premissa de que cada um manifeste suas peculiaridades, cabendo ao professor, orientá-los com o intuito de mostrar de forma clara e compreensível, onde e como este deve aplicar a sua fala de acordo com o seu ambiente social.

Apesar disso, é possível percebermos que, infelizmente, ainda encontramos docentes despreparados, e que, por essa razão, desconhecem o ensino da variação linguística, optando, por sua vez, envergonhar o aluno diante de seu recurso vocabular.

À vista disso, Coppi, (2014) descreve que uma vez, numa turma de ensino médio, um dos seus professores corrigiu um aluno de forma totalmente errônea pelo fato de ele produzir

uma frase muito comum utilizada, até mesmo, por pessoas escolarizadas: “[...] posso ir no banheiro?” (p. 30), ela conta ainda que o docente fez até o gesto dizendo se “[...] por acaso o banheiro seria um cavalo para que pudesse montar”³, constringendo totalmente o falante.

A esse respeito, podemos verificar o despreparo de um professor – possivelmente de LP que, aparentemente, não obteve os conhecimentos necessários para ensinar a prática adequada de utilizar determinado uso da língua, desaguando na repressão de alunos (as) ao questionar alguma coisa em suas aulas.

Além disso, ações preconceituosas dessa natureza que envolvam a linguagem, podem gerar consequências, de modo especial, por abalar principalmente o psicológico dos discentes e contribuir ainda mais para com seu medo de expressar-se. Assim, Coppi (2014, p. 32) defende que, “com a consciência linguística abalada, sentindo-se incompetente, o aluno vê o ‘professor purista’ como um ser especial, dotado do saber linguístico [...]”, ou seja, o único que sabe fazer uso da língua. Mas, por outro lado, quando o docente se determina a quebrar esses preconceitos perante as expressões linguísticas dos alunos, este por sua vez garante um ensino mais acolhedor e atrativo.

Com tal característica, as Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), promovem um ensino em que são mobilizados conhecimentos múltiplos dos alunos que enxerguem a leitura e a escrita como componentes essenciais para a inclusão do cidadão no meio social. Esse documento explana ainda que o docente precisa levar textos para a sala de aula que melhor representem a realidade de seus alunos.

Portanto, embora seja um documento voltado para o Ensino Médio, vimos a aproximação e a necessidade, de acordo com o que nos instruem as OCNEM, em abordar também esses conhecimentos na turma de 8º ano do Ensino Fundamental através do cordel.

Em uma vertente distinta, é possível destacarmos ainda que o preconceito linguístico ocorre também pelo fato de que muitos docentes valorizam mais a escrita, julgando-a como mais contextualizada, enquanto que a fala seria o contrário⁴. A possível justificativa em torno da imperatividade da escrita sobre a fala dá-se, em tese, pela possibilidade de reajuste, correção, enquanto que na fala (o que já foi dito), não se pode alterar o “já dito” ou modificar seus efeitos semânticos em contextos reais de comunicação.

Porém, o teor de nossa investigação não é tratar a variedade padrão como desnecessária ao ensino, pelo contrário, o aluno deve também estar ciente das normas trazidas

³Ibid., 2014, p. 30.

⁴ A respeito de alguns equívocos acerca do trabalho com a fala e a escrita, indico o texto do autor MARCUSCHI, Luís Antônio (2010) – “*Da fala para a escrita: atividades de retextualização*”.

pelas gramáticas normativas, mas que é de extrema necessidade que o alunado aprenda que o seu modo de falar não está errado; o que ocorre em seu turno de fala é que a língua é plurissignificativa e que o modo de falar de um, vai ser o modo de falar diferente do outro.

Para tanto, em relação a isso, Bagno (1999, p. 52-53) escreve que existe um preconceito muito forte “no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar do jeito que se escreve”, como exemplo, situa as expressões adjetivas “BOnito e BUunito”, ressaltando, ainda, que o docente deve ensinar que na escrita é necessário escrever de tal modo para que todos compreendam o que está escrito. Noutra extremo, entendemos que na oralidade existem outros fatores linguísticos que não permitem uma adequação do mesmo modo que na escrita.

Diante desta discussão, percebemos o valor da orientação escolar. Além do que, uma aula desenvolvida de forma que o professor exerça seu papel de mediador, ele está sob o encargo de elucidar seu corpo estudantil acerca de duas questões primordiais sobre a LP: a contribuição com o desenvolvimento de um melhor profissional no futuro, tendo em vista que o aluno passa a ser um conhecedor assaz de sua própria língua e, conseqüentemente, de seu uso. Em última análise, o trabalho com a variação linguística e o gênero cordel pode contribuir de forma significativa com o desenvolvimento das práticas sociais na vida dos alunos.

No capítulo seguinte fazemos uma breve explanação do que nos fala os Documentos Oficiais da Educação a respeito da variação linguística.

3 DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Primordialmente, a variação linguística deve e precisa ser ensinada e estudada nas escolas, uma vez que faz o aluno reconhecer a heterogeneidade e a dinamicidade da língua. Dessa forma, trazemos nesse tópico um pouco sobre o que retratam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e alguns teóricos sobre a variação linguística.

Primeiramente, os PCNs (1998, p. 82) determinam a relevância de que o aluno aprenda outras formas linguísticas as quais o documento elenca: “a escrita e o padrão da oralidade mais formal”. Neste sentido, é preciso que o discente entenda que as variações da língua são verdadeiras e que fazem parte da realidade sociocultural de cada pessoa humana.

Em contrapartida, Santos (2005, p.177) afirma que alguns professores acabam fazendo uma interpretação precipitada sobre as linhas norteadoras dos PCNs, isso acontece porque o professor não está atento às diretrizes dos documentos oficiais da educação.

Ainda na mesma linha de pensamento, há situações em que a adequada aplicação das diretrizes não rompe a barreira da teoria, ou seja, na prática, o professor acaba apresentando mais dificuldades para desenvolver alguma atividade, o que em muitos casos a culpa não é totalmente dele, situando seu baixo desempenho a partir de uma má formação acadêmica e pouco comprometimento e incentivo por parte da escola para com esses educadores.

Com base nisso, Santos (2005) faz uma crítica amparada justamente na perspectiva da má formação do profissional, como também da falta de colaboração da própria escola, pontuando, ainda, que uma vez desatualizado à frente das discussões inovadoras, o professor acaba deixando seus alunos à margem do ensino da variação linguística.

Em outra vertente, a BNCC em relação à variação linguística, realça “[...] que cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise” (BRASIL, 2017, p. 79). Ou seja, não diferente dos PCNs, a BNCC também define como importante o ensino da variação linguística, haja vista que é indispensável o estímulo à reflexão dos alunos sobre o preconceito linguístico, sobre o qual arrola acerca da necessidade de levar ao aluno, o entendimento através da variação linguística sobre outras vertentes de preconceitos sociais.

Outro documento oficial da educação é o Currículo Básico Comum (CBC) que vai dialogar com o que já foi exposto: a relação da língua padrão e não padrão, sobre a qual o papel do professor é conscientizar a posição de cada uma, visando ainda uma sala de aula sem

desprezo e “[...] que seja um laboratório verdadeiramente científico, que acolha os fatos linguísticos com o objetivo de análise e reflexão” (BRASIL, 2008, p. 12).

Concluimos, portanto, que a variação linguística é vista pelos Documentos Oficiais da Educação como relevante para ser explanada e ensinada dentro do âmbito educacional uma vez que a mesma de certa forma orienta os estudantes sobre as dinamicidades da língua em sua vertente sociocultural.

No próximo tópico, discorreremos sobre o gênero cordel que também promove o letramento crítico dos estudantes, fazendo com que os mesmos desenvolvam capacidades próprias de reconhecer, discutir, refletir e olhar criticamente para determinado texto.

4 O GÊNERO TEXTUAL CORDEL E O ENSINO

De antemão, para embasar este capítulo, consideramos necessário pontuar a importância dos gêneros textuais dentro do ambiente de ensino. Assim sendo, Marcuschi (2010, p. 35) vai enfatizar com base nos parâmetros curriculares que o trabalho com o texto “deve ser feito na base dos gêneros” sendo estes escritos ou orais. Seguindo a mesma vertente, podemos afirmar que o ensino dos gêneros contribui de forma significativa com a interação com o outro em função social. Desta forma,

O domínio da língua tem uma estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir, a todos os seus alunos, o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (PCNs, 2001, p. 13 *apud*, PAULA, 2011, p. 195).

Em outra vertente, a respeito do gênero cordel que é o foco deste capítulo, Souza (2018) vai explicar que a literatura cordelista mesmo estando ligada a Portugal e a Espanha, não se limita apenas a esses países, pois segundo ele, essa literatura se difundiu por outros lugares, bem como pelos diversos Estados Brasileiros. Ainda, [...] No Brasil, o cordel chegou primeiro em Salvador, na mala dos colonizadores portugueses e depois ele foi sendo difundido para outros estados do Nordeste, em sua modalidade oral (SOUZA, 2018, p. 77).

Diante disso, apesar da literatura de cordel ter se iniciado em Portugal e na Espanha, ela adentrou no Brasil e permanece até os dias atuais, uma vez que a partir dela muitos escritores nordestinos tiveram seu reconhecimento através de suas histórias contadas em forma de poesia. Assim, por outro lado, Melo (2014, s/p) registra que “a literatura de cordel, também conhecida como folheto, aqui no Brasil é um tipo de poesia popular que é impressa e divulgada em folhetos. Suas imagens são feitas através de xilogravura [...]”.

Em vertente similar, podemos dizer que o cordel – livrinho ou folhetos como são chamados – ficou conhecido popularmente como “literatura de cordel” possivelmente pela característica do “cordão”, uma vez que os livretos são pendurados em cordões ou barbantes e vendidos na feira. Com base nisso, “a literatura de cordel” “[...] é uma nomenclatura dada aos

folhetos de cordel pelos intelectuais brasileiros por volta de 1960/70” (TEIXEIRA, 2008, p. 12).

Assim, o gênero chama bastante atenção, porque além de palavras/poesias, ele traz também as xilogravuras na capa como método artístico-criativo de atrair leitores (as). As imagens contidas nos “livrinhos” remetem, de acordo com o seu contexto de produção, as características do sertão, a saber, poetas nordestinos, cantadores e tocadores de viola. No tocante a isso, cada imagem representa uma poesia internalizada nos folhetos. Deste modo, Melo (2014) defende que,

No século XVIII esse tipo de literatura já era comum, e os portugueses a chamavam de literatura de cego. [...]. No início, a literatura de cordel também tinha peças de teatro, como as que Gil Vicente escrevia. Esta literatura foi introduzida no Brasil pelos portugueses desde o início da colonização (MELO, 2014, s/p).

Sendo assim, podemos considerar, a partir da citação anterior, que o cordel se estende para além de uma publicação escrita, adquirindo notoriedade na versão teatral no Brasil a qual podemos citar a grande obra de Ariano Suassuna: “O Auto da Compadecida” peça encenada pela primeira vez no ano de 1956, baseada justamente nos cordéis de Leandro Borges de Barros.⁵

À vista disso, é evidente a importância do cordel, mais ainda a sua significância dentro do ensino, pois além de ser introduzida de forma oral, essa obra também pode ser levada para a sala de aula em forma fílmica, deixando a aula ainda mais dinâmica e atrativa.

Em suma, a literatura cordelista, tratada de forma a destacar a variação linguística e quebrar os preconceitos enraizados na sociedade, não apenas impõe de forma atrativa e dinâmica o gosto pela leitura, mas desperta a vontade no alunado de conhecer mais a sua cultura, como também o interesse de reconhecer em que momento se torna importante o uso da escrita de modo formal e, sobretudo, em que circunstâncias eles podem se apropriar da linguagem informal.

Diante do já exposto, é possível refletirmos sobre a importância que esse gênero possui também para a cultura popular nordestina, por revelar grandes artistas que

⁵Leandro Gomes de Barros é um cordelista paraibano, nascido em um município de Pombal na Paraíba no ano de 1965. Conhecido como o “pai da literatura de cordel”, Leandro Gomes de Barros tem alguns de seus textos reconhecidos por grandes nomes, como Ariano Suassuna, que se inspirou em dois de seus escritos, “a história do cavalo que defecava dinheiro” e o “enterro do cachorro”, para desenvolver a escrita famosíssima da sua grande peça teatral “o auto da Compadecida”.

cantarolavam em animação ao povo, como também em forma de dar voz àqueles que não tinham espaço de fala, ou seja, o intuito desse gênero é o de informar.

Na época em que surgiu, havia um público considerável que pouco sabia ler e escrever e, através dessa literatura cordelista, essas pessoas, uma vez esquecidas por sua falta de escolaridade, tinham o privilégio de se alegrar ao ouvir ou ler uma denúncia, uma história ou uma informação atual contidas no cordel pelo fato de retratar os assuntos de forma coloquial e distraída.

Em suma, o gênero cordel aborda uma linguagem coloquial, ou seja, informal, como também aborda características de humor, religião, política, dentre outros (as). Entretanto, também é visível, diante desse gênero, a composição de oralidade, métricas e rimas.

Ainda, diante das abordagens sobre esse gênero, podemos ressaltar que se destacam muitos artistas no meio cordelista, sendo alguns deles: Patativa do Assaré, Bráulio Bessa, Leandro Gomes de Barros, Apolônio Alves dos Santos, Firmino Teixeira do Amaral, Manoel Monteiro, Zé da Luz, entre outros.

Deste modo, vemos o gênero cordel como extremamente necessário para ser aplicado em sala de aula, uma vez que abarca outras maneiras de se trabalhar e pode garantir uma aula dinâmica e interativa. Além do mais, uma aula com esse gênero possibilita que o professor trabalhe com a turma a oralidade, o senso crítico, a reflexão e a escrita de seus alunos.

Ademais, a musicalidade que abarca os versos do texto, estimula o interesse dos alunados nas aulas de cordel, pois faz com que os estudantes reflitam, imaginem e criem as cenas em sua própria memória enquanto leem. Desta forma, a partir desse ensino, é possível que alguns alunos tomem interesse em começar a fazer leituras de cordéis ou de outro gênero por puro deleite.

Diante dessa explanação, fica visível que o ensino dos gêneros, bem como do cordel, constitui-se como uma característica importante no que diz respeito às práticas de ensinamentos sobre a variação linguística, tal qual o preconceito enraizado à frente da linguagem do corpo estudantil. Sendo assim, com base nos gêneros textuais, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) pontua que os gêneros, assim como as diferentes linguagens, devem ser “mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens” (p. 67). Concernente a isso, observamos a gama de conhecimentos que os textos possibilitam aos educandos, principalmente através dos gêneros textuais, os quais abordam temáticas relacionadas a humor, notícias, críticas e principalmente trabalha com o amadurecimento intelectual dos cidadãos, que através dos textos, passam a refletir sobre o mundo ao seu redor. Por isso que “já se tornou trivial a ideia de que os

gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social [...]” (MARSCUSCHI, 2010, p. 19), pois vai além do texto trazendo, para o entendimento do aluno, a sua própria realidade.

No capítulo seguinte, abordamos os aspectos metodológicos que embasam esta pesquisa.

5 METODOLOGIA

Nesta seção, evidenciando o processo metodológico, apresentamos o método de abordagem intelectual-formal deste trabalho. Em síntese, uma pesquisa de teor acadêmico, detém-se aos fatores investigativos de um trabalho, a fim de compreender e buscar possíveis soluções para a resolução de problemas identificados pelo pesquisador no decorrer de sua investigação.

Para isso, os teóricos Prodanov e Freitas (2013, p. 44) registram que a “[...] pesquisa é, portanto, um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, as quais têm por base procedimentos racionais e sistemáticos”.

Com base nisso, o nosso trabalho se orienta por via de abordagem bibliográfica, sob o primado do método qualitativo o qual, por sua vez, é conceituado por Silveira e Córdova (2009, p. 32) do seguinte modo: “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Com isso, visamos neste trabalho o estudo voltado para o gênero cordel e a variação linguística.

Acrescente-se ainda que uma pesquisa exige um *corpus* teórico que embase a temática discutida e trabalhada, em virtude de que a partir do pensamento de outros autores, que é possível desenvolver as ideias de nossa temática, bem como objetivar as premissas do pesquisado em conjunto com a *corpus* teórico transformando, deste modo, a pesquisa em uma rica abordagem.

Portanto, seguindo esta mesma perspectiva, “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2017, p. 34), sendo de extrema necessidade buscar recursos bibliográficos para o desenvolvimento da pesquisa.

Do mesmo modo, os autores Prodanov e Freitas (2013), Silveira e Córdova (2009) e Gil (2017) forneceram suporte para o embasamento metodológico da produção desta pesquisa.

Em síntese, o *corpus* dessa pesquisa girou em torno do relato de experiência obtida dentro do PIBID (2018) com a análise do cordel *Ispinho e Fulô* de Patativa do Assaré (1909-2002) sob uma vertente linguística, levando em consideração a pluralidade da linguagem humana, que em alguns casos é tida como alvo de preconceito, majoritariamente presente nos lugares marginalizados e estigmatizados por “periféricos”, percentual da população brasileira com índices de analfabetismo e, sobretudo, por, entre os Estados brasileiros, ainda existir uma

relação bélica entre a cultura popular e a cultura erudita, ficando as minorias (“ignorantes”) à margem da equidade entre as classes.

Em linhas gerais, o nosso trabalho refletiu acerca dessas variáveis de falas, possibilitando descrever para o leitor o quanto a oralidade merece ser trabalhada, analisada e valorizada em todos os contextos comunicativos.

No próximo capítulo, discorreremos sobre uma experiência em sala de aula com o cordel de Patativa do Assaré “Ispinho e Fulô” no ano de 2019 através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID,2018)

6 CORDEL ISPINHO E FULÔ DE PATATIVA DO ASSARÉ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVENCIADO POR BOLSISTA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID, 2018)

Preliminarmente, é de grande importância elucidar que o projeto nomeado por “Sonho poético” o qual foi desenvolvido em uma escola pública na cidade de Araçagi-PB e que também será discutido neste capítulo, foi desenvolvido na turma de 8º ano do Ensino Fundamental, no ano de 2019, por bolsistas, através do PIBID⁶

Subsequentemente, foi trabalhado nessa turma o autor cearense patativa do Assaré, em consonância com algumas de suas obras, especificamente o poema que dá título ao livro “*Ispinho e Fulô*” (1988). Cabe ressaltar, que a escolha deste cordelista e não de outro, ocorreu pelo fato de se ter na biblioteca da escola o livro desse autor, porém, nunca ter sido trabalhado na turma de oitavo ano. Outra questão que nos remeteu a este trabalho foi pensando na proximidade que os discentes teriam com os textos, uma vez que os mesmos possibilitam o trabalho com questões relacionadas ao dia a dia dos alunos e às variações linguísticas deles.

Foram, necessariamente, dois meses, abril e maio de 2019, de trabalho com a turma em evidência e análises de poemas, escrita, reescrita e produto final dos textos os quais o corpo discente foi estimulado a criar, por fim, durante a culminância do projeto foram entregues algumas medalhas produzidas a mão a fim de premiar os melhores cordéis.

A esse respeito, voltado para a formação de leitores críticos e sujeitos reflexivos, o trabalho com a variação linguística ligada ao cordel surgiu em virtude de levar os discentes à reflexão acerca da própria língua através de aulas exploratórias e dialogadas.

Metodologicamente, foram utilizados nas aulas, recursos midiáticos como *slide*, vídeo, imagens e som, o que contribuiu para com a proximidade dos alunos com os textos apresentados.

Além do mais, observamos como significativo o trabalho voltado para o gênero cordel, por vezes esquecido dentro do espaço educacional (sala de aula). A partir disso, enxergamos que de certa forma esta temática foi recepcionada com impacto relevante no processo de ensino-aprendizagem por alguns docentes que, a julgar pelo resultado positivo, viram no cordel novas modalidades metodológicas de ensino, quebrando com a introdução sempre uniforme da literatura clássica, comumente valorizada nas instituições públicas e privadas de ensino.

⁶Quero agradecer aos colegas, Fabiana, Sthefany e Júnior, pelo apoio, incentivo e mais ainda gratidão por terem me permitido e ajudado durante as ministrações das aulas. Sem a ajuda de vocês este trabalho bem como os desenvolvidos durante o PIBID não teriam sido possíveis.

Nesse sentido, percebemos que é possível trabalhar inicialmente com um gênero popular com os alunos como forma de estimular o gosto pela leitura, uma vez que possibilita que os mesmos se coloquem diante do texto e, deste modo, criem familiaridade com o gênero.

Portanto, em uma perspectiva ligada ao ensino da variação linguística e dos gêneros textuais, Fiorin (2011 *apud* MEZAVILA, 2016, p. 6) sustenta que “[...] é necessário colocar o texto literário e os estudos literários no coração da linguística”, isto é, o autor vai defender que tanto a literatura de cordel quanto o ensino da linguística, são essenciais para a formação de seres humanos críticos, tendo em vista que ambas as tendências trabalham com a diversidade da língua.

6.1 PASSO A PASSO DA EXPERIÊNCIA

Tendo em vista que a partir do cordel pode-se trabalhar com a oralidade, reflexão e criticidade dos alunos, o projeto de leitura foi desenvolvido através de leituras, produções textuais e análises dos cordéis. Por meio desse esquema, apresentamos as características do cordel e algumas considerações a respeito de Patativa do Assaré.

Para o desenvolvimento das aulas foi utilizado cordel em texto impresso, cordel musicalizado e em vídeo, *slide* com os aspectos históricos, como também metodológicos do cordel, explanação da biografia de Patativa do Assaré, exposição e leitura dos cordéis, análise, produção textual, reescrita, produto final e premiação.

Para que o projeto de leitura “Sonho poético” fosse positivamente desenvolvido na escola, houve um planejamento de uma semana acerca de como esse trabalho poderia ser aplicado com o objetivo de capturar a atenção dos alunos e, dessa forma, inseri-los na aula com a participação e interação. Logo, foi decidido que o trabalho de leitura seria denominado “*Sonho poético*” e que seria aproveitado em um mês sendo (de abril até algumas semanas de maio de 2019).

À vista disso, a abertura do projeto foi iniciada com um sarau poético. Assim sendo, refletindo sobre um ambiente aconchegante, preparamos o local (auditório) com almofadas, músicas de acordo com o gosto dos alunos, livros do autor, cordão com alguns cordéis pendurados e uma pequena “gincana” com perguntas para dois grupos que se dividiram no auditório, questionando-os sobre, “*o que são estrofes?*”, “*qual a diferença entre o eu lírico e o autor?*” entre outras, sendo estas inseridas dentro de balões, quem estourasse primeiro respondia e o grupo ganharia pontos na brincadeira, houve também leituras de cordéis de Patativa, sendo alguns deles, “*Saudade*”, “*Três beijos*” e “*Língua ferina*”.

Nessa abertura, questionamos em média 80 (oitenta) estudantes se os mesmos já leram ou ouviram falar do gênero exposto, abrindo espaço para indagações e curiosidades destes, do mesmo modo, tecemos alguns comentários sobre o autor e sobre a literatura cordelista de forma oral.

Igualmente, pedimos para que dois discentes declamassem alguns cordéis, dando-lhes a oportunidade de representarem toda a turma, bem como terem proximidade com o gênero cordel. Logo, houve o encerramento do sarau poético com fotos e muita animação.

Reforçamos, ainda, que na primeira aula, após à abertura do projeto que durou o mês completo de abril e algumas semanas de maio de 2019, foram retomadas as questões sobre o cordel, autor e leitura de alguns textos de Patativa do Assaré, sobre os quais se verificou, por meio da interação, o encantamento dos discentes frente à literatura popular, uma vez que os mesmos não estavam familiarizados com o gênero e/ou com a prática de leitura. Foi nessa aula que eles tiveram o primeiro contato com o livro físico de poemas de patativa do Assaré: *“Ispinho e Fulô”*.

Em outro momento, fizemos em sala de aula uma análise coletiva, leitura e discussão a partir do poema *“Ispinho e Fulô”*, na ocasião, estimulamos a reflexão dos alunos, havendo interação e participação no progresso da aula.

Conforme a aula se dissipava no tempo, as discussões foram surgindo ao longo das exposições, de modo especial, sobre o estilo da escrita dos poemas de Patativa, questionando-lhes sobre: será que só o autor, por ter pouco estudo, detém-se a falar deste modo tal como desenvolve sua escrita? Isto é, será que pessoas escolarizadas também não pronunciam tais palavras trazidas pelo autor? A partir disso, refletimos juntamente com os alunos essas questões.

Em outra aula, foi feita uma elucidação, bem como uma análise do poema *Ispinho e Fulô* mirando as questões culturais e sociais internalizadas nele sob uma vertente sociolinguística. Abaixo, apresentamos o cordel utilizado.

Poema “Ispinho e Fulô” (Patativa do Assaré)

É nascê, vivê e morrê
 Nossa herança naturá
 Todos tem que obedecê
 Sem tê a quem se quexá
 Foi o autô da Natureza
 Com o seu pudê e grandeza

Quem traçou nosso caminho
 Cada quá na sua estrada
 Tem nesta vida penada
 Pôca fulô e muito ispinho.
 Até a propa criança
 Tão nova e tão atraente
 Conduzindo a mesma herança
 Sai do seu berço querida.
 Se passa aquele anjo lindo
 Hora e mais hora se rindo
 E algumas horas chorando,
 É que aquela criatura
 Já tem na inocença pura
 Ispinho lhe cutucando.
 Fora da infancia
 No seu uso de razão
 Vê muntas fulô caída
 Machucada pelo chão,
 Pois vê neste mundo ingrato
 Injustiça, assassinato
 E uns aos outros presseguindo
 E assim nós vamo penando
 Vendo os ispinho omentando
 E as fulô diminuindo.
 [...] ⁷

Através desse poema, pedimos que os alunos observassem as palavras contidas nos versos e dissessem se para eles aquilo causava estranheza e se já ouviram alguém falar dessa forma. Os alunos, nessa aula, trouxeram e apresentaram os traços linguisticamente familiares, em outras palavras, eles acabaram afirmando: “*minha avó fala assim*”, “*minha tia também*”. A partir disso, ficou notória a atenção desses estudantes diante da reflexão sobre a linguagem utilizada no poema ora abordado, uma vez que foi possível observarem que até quem possui escolaridade, já pronunciou e ainda pronuncia uma das palavras contidas no poema “*Ispinho e Fulô*”, como, por exemplo, a palavra “*morrê*” sem o “*R*” no final.

Analizamos, ainda, com os alunos, sobre qual mensagem o poema nos traz, sendo dialogadas as características que remetem à fase da vida humana que é nascer, crescer, envelhecer e morrer. Então além de abordar questões linguísticas, o texto ainda é capaz de

⁷Assaré (2005).

despertar a sensibilidade dos cidadãos por meio de uma discussão envolvendo o jogo de sentidos e, linguisticamente, acerca da semântica de algumas expressões e orações.

Nesse ínterim, foi pedido que os alunos comesçassem, a partir dos poemas apresentados, a desenvolver o seu próprio cordel em pleno acompanhamento pelos líderes do projeto, oferecendo suporte e auxílio nesse processo.

De certo modo, os alunos sentiram um pouco de dificuldade ao iniciar a escrita, mas, aos poucos, foram se familiarizando com o gênero a partir da livre escolha de temáticas que melhor abordavam sua cultura e seu convívio social e familiar. Nas aulas seguintes, continuamos o trabalho com o gênero e a reescrita dos cordéis. Assim, Antunes (2003, p. 56) seguindo a perspectiva da reescrita, sustenta que é na “[...] hora da revisão (da primeira, talvez), para decidir sobre o que fica, o que sai, o que se reformula”.

Posteriormente, foi promovida uma aula específica para que os alunos finalizassem a parte da reescrita e, ao final, lemos as atividades concluídas culminando com a premiação e entrega das medalhas aos melhores cordéis.

Essa premiação contribuiu não apenas para mostrar ao aluno que ele se saiu bem na escrita, mas também para estimular a leitura, progresso e sucesso, tendo em vista que uma vez reconhecidos, esses alunos passam a desenvolver um interesse maior pela leitura, bem como pela escrita. Nesse sentido, pudemos perceber nos alunos uma mudança intelectual de conforme iam se aprofundando em suas ideias e, de forma construtiva, diante da prática de leitura.

Mediante o exposto, foi de suma importância levar esse conhecimento ímpar para os discentes, tal qual a felicidade de pudermos contribuir de forma significativa para com o desenvolvimento, o conhecimento, a interação e o avanço desses alunos.

Portanto, trabalho com a literatura de cordel, considerando-se os apontamentos sobre a variação linguística, tornou possível uma aula mais atrativa, colaborativa, investigativa e muito mais interativa. Contudo, os discentes foram essenciais para a eficácia do desenvolvimento e finalidade deste trabalho voltado para o cordel sob a vertente da Variação Linguística.

Em razão desse projeto, promovemos a possibilidade de atrair e inserir os alunos na aula, fazendo-os compreender que são capazes de realizar atividades à frente do assunto. Ademais, discutimos também que esses alunos são capazes de se utilizarem das palavras adequadas para cada ambiente; o que contribuiu – como visto na experiência aqui posta –, a importância que eles passaram a dar aos estudos sobre variação linguística e o gênero cordel.

Todavia, no capítulo sete, apresentamos uma sugestão de atividade para a série de 8º ano do Ensino Fundamental, sendo assim, cabe ressaltar, que essa proposta só se tornou possível pelo fato de ter sido trabalhada a mesma temática no período do PIBID em sala de aula enquanto bolsista.

7 SUGESTÃO DE ATIVIDADE PARA O 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Lidar com trabalhos direcionados à literatura no contexto atual de ensino⁸, tem-se tornado uma luta tanto para os profissionais principiantes quanto para os mais maduros na carreira, à custa de que lidam com a presença de estudantes desmotivados diante das obras literárias e da prática de leitura. Esse distanciamento é, com frequência, causado pela falta de identificação do aluno com a obra, no qual o discente passa a enxergar o ensino de LP e de Literatura, como distante da sua realidade.

Sendo assim, este trabalho traz como principal problemática, aspectos relacionados ao preconceito linguístico ocorrente na LP, tanto sobre o âmbito educacional como na sociedade em geral. À vista disso, atividades que possibilitem reflexões ao aluno sobre os aspectos sociais e culturais pautados no seu dia a dia podem, de certa forma, orientá-los a conhecer a riqueza lexical da sociedade brasileira. Através dessa linha de análise, propomos uma sequência de atividades que servirão de apoio para o ensino desta temática.

Pensando nisso, neste tópico, sugerimos uma proposta pedagógica voltada para o ensino da variação linguística nas séries de 8º ano através do gênero cordel, na premissa de que entendemos que nesta fase os alunos trazem consigo recursos linguísticos vivenciados por eles mesmos ou por outros, facilitando a comunicação e/ou diálogos entre professor/aluno.

Assim sendo, estruturamos, como objetivo principal destas atividades, o trabalho com a reflexão dos alunos perante as expressões linguísticas, além da escrita e da reflexão diante da literatura cordelista pouco trabalhada no âmbito educacional.

Com isso, as aulas se detêm metodologicamente dinâmicas, bem como interativas, sendo estas divididas em apresentação da temática, análise do poema “Coração nordestino”, atividade em grupo voltada às questões linguísticas através do cordel, início da produção textual, continuação da escrita e/ou reescrita, produto final, culminância do trabalho desenvolvido e avaliação.

Vejamos a proposta a seguir:

⁸Essa proposta de atividade mesmo sendo feita em período de ensino remoto se direciona ao ensino presencial, haja vista, que com a presença de poucos casos de Covid-19 as aulas em algumas cidades já estão voltando à normalidade.

1º Momento: Apresentação da temática

Para dar início à aula, o professor pode apresentar um cordel de Bráulio Bessa: “coração nordestino”⁹ ou outro cordel e cordelista com o qual se identifique mais, com o propósito de que os alunos possam refletir acerca das variações linguísticas contidas nele (s).

Depois de ter lido o cordel com a turma, o professor pode fazer um direcionamento para o gênero cordel, dando ênfase às suas características, funcionamento e uso. Deste modo, a contextualização se dará a partir de questionamentos destinados aos discentes; se já ouviram falar sobre o gênero exposto e/ou se já leram ou ouviram um cordel, ou se por acaso eles já escreveram um texto com estrutura cordelista.

Subsequentemente, pode haver uma exploração sobre a linguagem diferente, ou com variações que ocorrem no cordel, ressaltando que existem diversos tipos de variações linguísticas, sendo elas: regionais, históricas, sociais etc. Além disso, o professor pode reforçar o significado de cada uma delas, por exemplo, a variação regional que remete às questões ligadas ao vocabulário de cada pessoa, isto é, no Nordeste é comum falar “macaxeira”, tal qual no Sul as pessoas conhecem por “aipim”. Sucessivamente, a variedade histórica diz respeito às palavras que são esporadicamente ou nunca utilizadas pelos falantes.

Com base nisso, o docente pode, além dos questionamentos iniciais, estimular a reflexão nos adolescentes sobre as marcas linguísticas trazidas no cordel apresentado, como por exemplo, as expressões: “budega, mei da rua, querê”, questionando-os se os mesmos fazem uso dessas pronúncias ou se já ouviram alguém as pronunciando, orientando, deste modo, que o aluno interaja na aula e reflita sobre a variação linguística. À vista disso, alguns questionamentos foram elaborados para aprofundarmos a nossa problemática: por qual motivo o autor Bráulio Bessa utiliza palavras que nos remete ao estranho, apesar de nos expressarmos assim? Será que é para dizer que existem pessoas menos escolarizadas e, por isso, não sabem fazer uso da língua? Ou será que ele utiliza como forma de valorizar cada diversidade linguística humana? Esses são alguns questionamentos que podem ser voltados para os discentes.

Sucessivamente, o segundo momento da aula é direcionado à reflexão dos alunos perante o cordel, isto é, levar os alunos a refletirem não apenas sobre as palavras que sofrem preconceito linguístico, mas também sobre os sentimentos expressados em alguns versos do cordel “Coração nordestino”. Como, por exemplo, o autor fala sobre um banho na biqueira.

⁹Cf. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/musica/coracao-nordestino-por-braulio-bessa/>. Acesso em: 23 Ago. 2021.

Será que os alunos não irão recordar de alguma situação semelhante à descrita? Ou ainda, a frase: “toicinho de porco torrado numa velha caçarola”. Qual o adolescente que nunca se lambuzou comendo a gordura da carne de porco? Percebemos que a partir dessas reflexões é possível levar os alunos a perceberem os sentimentos que os cordéis também expressam, pois é relevante neles a linguagem coloquial e mais valorativa.

A partir disso, pode ser ressaltado para a turma que o Nordeste possui uma diversidade enorme de falantes e que estes, diariamente, fazem uso de palavras que sofrem variação, cabendo ao professor orientar que as palavras contidas no texto não remetem a uma escrita de alguém menos escolarizado, pelo contrário, remete ao valor e ao falar de cada cidadão nordestino.

Depois de toda essa explanação, pode ser apresentado pelo docente, de acordo com a sequência da aula, o vídeo do próprio artista Bráulio Bessa¹⁰ recitando o cordel, para que os alunos também percebam as rimas das palavras variantes com outras através da declamação.

2º Momento: análise do poema “Coração nordestino”

Para retomar os primeiros momentos exploratórios e introdutórios, o educador pode propor nesta aula, uma análise voltada para o poema “coração nordestino” de Bráulio Bessa, sendo necessário fazer novamente a leitura com os alunos. Posteriormente, através dessa aula, poderá ser estimulada a reflexão, o senso crítico, analítico e reflexivo destes.

Seguidamente, o docente pode utilizar estrofes do cordel e apresentar aos alunos pedindo para que os mesmos reflitam sobre o que ali está escrito. Sendo assim, aqui apresentamos uma estrofe do cordel: “Coração nordestino” de Bráulio Bessa, como exemplo.

As conversas de calçada,
os causos de assombração.
em riba de um caminhão,
a mudança inesperada.
galinha bem temperada,
sem usar tempero fino.
quebranto forte em menino,
prá benzedeira benzé.
Tudo isso faz bater

¹⁰Cf. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yVGYxQs_JJc. Acesso em: 23 ago. 2021.

um coração nordestino¹¹

De acordo com esse momento de aula, como atividade o professor pode escrever algumas perguntas no quadro referente ao cordel para que os alunos façam uma reflexão e, após isso, dialoguem uns com os outros sobre elas.

– Quais as palavras que você observa com expressões de variação linguística?

– O que significa para você falar adequadamente ou falar de forma inadequada? (Ou seja, perguntar se eles se julgam por usar palavras assim, ou além, se eles consideram como alguém desconhecedor da língua por algumas vezes utilizar-se dessas expressões, e se para eles falar sempre adequadamente é sinônimo de um sujeito inteligente).

– A sílaba “prá” está adequada no uso da língua formal? Qual seria a pronúncia que se adequaria?

– Você enxerga mais alguma palavra que pode remeter ao preconceito linguístico? (O docente pode abordar aqui a palavra “quebranto”, questionando: quais são as pessoas que falam assim?). No tocante a “benzedeira”, geralmente pertencente à classe mais idosa, atualmente é muito difícil encontrar uma pessoa que reze de “mau olhado”, e tudo isso traz consigo mudanças que provocam a variação linguística, considerando-se que são épocas distintas e que a linguagem é totalmente diferente, o que não deixa de ser uma variação histórica.

– Quais palavras que seus pais, avós, tios, vizinhos falam que você acha que diz respeito à variação linguística? E as suas expressões linguísticas também se aproximam destas?

– Já ouviu alguém pronunciando uma dessas palavras colocadas pelo cordelista?

Deste modo, assim que a turma tiver concluído a estimativa da atividade, pode-se fazer uma roda de conversa e juntos dialogarem a respeito do que foi colocado perante os questionamentos.

¹¹Bessa (2018).

3º Momento: atividade em grupo voltada para as questões linguísticas através do cordel

De início, para dialogar com as aulas anteriores, o professor pode pedir que os alunos, dependendo da quantidade, se dividam em grupos de 3 (três) pessoas para desenvolverem a atividade com o cordel, que servirá primordialmente para o entendimento dos educandos sobre o trabalho da variação linguística com o texto oral. Lembrando que o poema “Coração nordestino” de Bráulio Bessa (2018), que será nesta aula trabalhado, possui 11 (onze) estrofes, porém, nem todas irão abordar questões relacionadas à variação linguística, deste modo, deve haver reflexões também a respeito da leitura sentimentalista. Todavia, supondo que em uma sala de aula se tenha 33 alunos, a divisão pode ser esta: grupo de três pessoas, caso contrário, diminui os participantes de cada grupo, ou, se for o caso, acrescenta.

Desta forma, feita a divisão, é hora de distribuir uma estrofe do poema para cada grupo, pedindo para que os estudantes desenvolvam o senso analítico, crítico e reflexivo mesmo perante a falta de versos que remetam à variação linguística. Para essa atividade, o docente pode levantar algumas questões:

- O que o autor quer dizer em cada verso?
- As palavras usadas trazem alguma lembrança do seu dia a dia?
- Você pode destacar uma palavra que você achou variável e pode dizer se diz respeito à variação regional, social...?
- O que te faz pensar quando você ler, por exemplo, a palavra “coração nordestino”?

Posteriormente, uma pessoa de cada grupo pode apresentar de forma rápida o que mais lhe chamou a atenção na estrofe, como também se gostou do cordel, da atividade e do trabalho voltado às questões linguísticas, senso reflexivo e analítico.

4º Momento: Iniciando o trabalho com a escrita

Em síntese, neste momento, podem ser abordadas as características do cordel, bem como sua composição rítmica. Perante a isso, o professor pode ressaltar que os textos são característicos de rimas, métricas, oralidade, ironia, sarcasmo e humor, além do que, possuem a grande essência cultural de um povo. Todavia, esse gênero se estrutura em quadra: (uma estrofe de quatro versos); sextilha (uma estrofe de seis versos); oitava (uma estrofe de oito versos); décima (uma estrofe com dez versos) entre outros.

Além disso, é preciso tornar compreensível aos discentes que eles podem desenvolver os seus textos distribuídos em estrofes de quatro versos, em virtude de que facilita o desenvolvimento dos mesmos e a estrutura rítmica, pois em cada estrofe exige, necessariamente, que haja a rima da primeira e da última linha. Cabe exemplificar que esta atividade também pode ser concluída em dupla.

Ademais, poderão ser dadas algumas temáticas relacionadas ao amor, escola, família, fé, educação, Covid-19 dentre outros, para que os discentes escolham e desenvolvam sobre. Progressivamente, o professor deve explicar para os alunos que os mesmos podem fazer uso de linguagem coloquial sendo esta utilizada em seu dia a dia e que remetam às questões de variação regional, social e/ou histórica. Ainda, é necessário que o docente especifique que para produzir esta atividade, eles podem utilizar a linguagem variccionista uma vez que tomam como base o cordel de Bráulio Bessa, mas que para a escrita de gêneros de outras naturezas (a exemplo de textos que circulam em contextos formais) não é permitida (pela questão da adequação) a mesma pronúncia.

Ainda nessa aula, é possível que alguns alunos concluam o trabalho como também é possível que outros não consigam finalizar, deixando esse exercício se estender por mais uma aula.

5º Momento: Continuação da produção textual e/ou reescrita

Nesta momento, o docente pode auxiliar mais uma vez os discentes a respeito do desenvolvimento da escrita e da temática escolhida pelos mesmos, bem como interferir com sugestões no processo de produção textual. Algumas ideias que podem ser sugeridas são:

– Se o seu tema está voltado para a Covid-19, pode retratar aqui os números de vidas ceifadas, as vacinas...

– Se você está falando de amor, pode refletir sobre: amor de amigo, de irmã, amor de mãe e tentar a partir disso rimar com a palavra anterior.

Deste modo, todos tendo concluído a atividade, o docente recolhe para fazer uma revisão e identificar o que pode melhorar, para em seguida, discutir com o aluno e depois entrega-lo para que se faça a escrita final.

6º Momento: Produto final

Nesta sexto momento de aula, os alunos poderão copiar o cordel em uma folha limpa e/ou também distribuir desenhos que representem a temática escolhida. Depois de feita a atividade, o educador pode, ainda, propor aos alunos a possibilidade de colarem os cordéis em um recanto da sala como maneira de expô-los.

Culminância do trabalho a ser desenvolvido

Para concluir, o professor pode sugerir à turma um momento descontraído e favorável, fazendo uso de dinâmicas ou brincadeiras. Com tal característica, a nossa sugestão é uma dinâmica com balões, durante a qual você professor pode apresentar aos seus alunos; ela pode ser desenvolvida da seguinte forma: de início pode-se pedir para que a turma se divida em dois grupos, seguidamente, pedir para que cada grupo de forma coletiva decida e escreva em um pedaço de papel, três ou quatro palavras utilizadas no dia a dia, em seguida, pedir para que eles coloquem dentro de um balão, encham e amarrem no pé.

Diante disso, quando todos tiverem concluído a atividade, um integrante de cada grupo se levanta da cadeira com o balão amarrado em seu pé, tentando defender a bexiga, evitando deste modo, que o outro a estoure; caso alguém estoure primeiro o balão do outro, o adolescente que teve sua bola estourada deve ler a pronúncia afirmando e defendendo, juntamente com o educador, que a mesma merece ser respeitada. Soma-se a isso, que esta dinâmica pode-se concluir com um lanche coletivo.

Avaliação

Como momento avaliativo, será analisada a participação dos alunos nas atividades, sobre as quais consistem na observação do engajamento e interação baseados nas aulas expositivas e explicativas, levando em consideração a produção textual dos mesmos.

Procedimentos avaliativos voltados à aprendizagem

Para tanto, a avaliação deve girar em torno de observar se os alunos alcançaram a escrita nas características de um cordel, ou se estão tomando característica de outro gênero. Outra possibilidade é de o docente verificar se os alunos estão usando, com coerência e respeito, os termos voltados para a variação linguística de forma adequada. Perante a isso, o professor deve estar atento à reflexão dos alunos quanto ao preconceito linguístico diante dos

diversos termos. Além disso, o educador pode verificar ainda se os discentes utilizaram versos e rimas em seus textos, como também, pode refletir se há algum enredo que envolva a cultura nordestina, ou seja, se faz uso de linguagem própria dessa cultura.

Em suma, a atividade, uma vez trabalhada de forma dinâmica e interativa, subsidia não apenas a participação dos discentes perante as atividades, como também a sua interação, contribuindo com a aula através de questionamentos relacionados às curiosidades sobre o gênero, o autor e a variação linguística.

Para os alunos que faltaram ou não participaram por algum motivo da aula, pode ser repassada uma atividade com o cordel trabalhado destinado a estimular a aprendizagem dos alunos não só para a vertente linguística, mas para a leitura humanizada do cordel.

É importante reforçar, sobretudo, que os caminhos sugeridos como proposta de atividade a ser aplicada em sala de aula, pode ser adaptada de acordo com a realidade de cada nível de turma, ou seja, este trabalho pode render até mais que seis aulas; tudo irá depender de como a turma caminhará diante da proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precipuamente, estabelecemos como objetivo geral apresentar como funciona um trabalho com o gênero cordel em sala de aula abordando expressões com variação linguística.

Para tal, reforçamos a relevância das marcas de variação linguística oral como de suma importância para o dia a dia, tal como para a própria vida dos falantes da LP. Por este motivo, vemos a necessidade de explicar, dentro do ensino, a importância do conhecimento sobre as vertentes sociolinguísticas, presentes principalmente na fala. No tocante a isso, consideramos este trabalho como relevante para a área educacional.

Nesta linha de raciocínio, entendemos que as marcas da variação linguística devem ser vistas também pelos educadores e não apenas pelos educandos como importante e essencial, por este mesmo motivo que é imperativo compreendermos como e onde se aplica determinada expressão oral em diversos contextos sociais.

Para tanto, o professor (a) deve introduzir a fala em seus diversos elementos linguísticos que faz dela diversificada e interessante, ressaltando que se todos os seres humanos se apropriassem da mesma forma de oralidade, não haveria um interesse em estudar o idioma nativo, visto que o status seria, por sua vez, de “iguais” e sem diferenciação.

Ainda, esta pesquisa trouxe como principal problemática, aspectos relacionados ao preconceito linguístico ocorrente na língua, tanto sobre o âmbito educacional como na sociedade. À vista disso, ressaltamos que atividades que possibilitem o aluno a reflexão sobre os aspectos sociais e culturais pautados no seu dia a dia, podem, de certa forma, orientá-los a conhecer a riqueza da sua própria diversidade linguística.

Dessa forma, a relevância desta pesquisa, por sua vez, diz respeito à sua contribuição não apenas para o eixo educacional, mas pode se estender também para o eixo social, uma vez que abordamos o gênero cordel visando sua escrita de forma sociocultural, tal como questões direcionadas à variação linguística.

Em síntese, apresentamos também uma proposta de atividade voltada para as séries de 8º ano do ensino Fundamental de Língua Portuguesa.

Concluimos, portanto que essa pesquisa contribui, com a prática da oralidade em sua vertente situacional, ou seja, foi importante explicar que mesmo os que “*dominam*” a língua podem, também, uma hora ou outra, fazer uso de uma linguagem informal e que isso vai de acordo com as marcas linguísticas trazidas pelos falantes baseados no contexto social em que a linguagem dos mesmos está inserida.

Com base nisso, esse estudo teve como finalidade refletir sobre um mundo heterogêneo, assim como a sala de aula, não podendo de modo algum o docente humilhar um aluno por seu capital cultural e lexical, pois, fazendo isso, o professor estará também negando as suas próprias peculiaridades.

Com isso, percebemos a necessidade de estudos voltados a questões como as que foram discutidas em nossa pesquisa, tencionando promover o encorajamento do ser docente perante a prática educacional, na qual a partir de pesquisas como essas, os professores podem se interessar em aulas mais dinâmicas, interativas e voltadas, fundamentalmente, para as questões da oralidade e da variação linguística.

Portanto, esperamos que este trabalho contribua para o desenvolvimento de outras pesquisas voltadas para a temática da variação linguística e do cordel, além do que, reforçamos também que contribua como auxílio para educadores, estudantes, universitários, estagiários e todos aqueles que se interessam pela língua.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontros & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Língua Portuguesa no ensino Fundamental – Anos finais: práticas de linguagem, objetos de conhecimento e habilidades. Brasília: MEC, 2017. *In: GOMES, Mariele Furtado de Barros*, 2019, p.145-159.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL/MEC/SEF. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. *In: GOMES, Mariele Furtado de Barros*, 2019, p. 145- 159.
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Secretaria de Educação, Brasília: MEC, 2008. *In: SOUSA, Maria Ribeiro de O Cordel na sala de aula [manuscrito]: a ressignificação do ensino de língua portuguesa/ Maria Ribeiro de Sousa*, 2014.
- BESSA, Bráulio. **Poesia que transforma**. 1.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- BORTONI RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo. Parábola Editorial, 2004. *In: Vera Lúcia G. Carneiro. Diversidade linguística: variação linguística e prática pedagógica*, 2014.
- COPPI, Danielle dos Santos Mendes. **O ensino de Língua Portuguesa e a questão do preconceito dialetal sob a ótica da Sociolinguística**. 2014. Monografia (Especialista em Língua e Linguística). Curso de Especialização- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.
- FIORIN, José Luiz. História e perspectivas da relação entre linguística e literatura. *In: MEZAVILA, Albertina. A literatura de cordel e sua aplicabilidade no estudo da variação linguística*. Paraná: SEED, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.) Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.
- MELO, Priscila. **Literatura de cordel**. 2014.
- PAULA, Maria Regina de. Gêneros textuais no ensino: Contribuições à constituições de sujeitos reflexivos e autônomos, p. 191-199. *In: OSORIO, Ester Myriam Rojas (Orgs.)*

Mikhail Bakhtin e os gêneros do discurso na educação. São Carlos: Predo & João Editores, 2011.

PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula. MATTOS, J. M.; PISCIOTTA, H; BRITO, E. V. São Paulo: **Arte & Ciência**, p.138. *In:* PAULA, Maria Regina de. **Gêneros Textuais no ensino:** Contribuições à constituição de sujeitos reflexivos e autônomos. 2011.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

SANTOS, Leonor Wernek dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. *In:* PAULIUKONIS, Mari Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. *In:* LIMA, Izete de Souza, ano VIII, n.02 – Fevereiro / 2012.

SILVEIRA, Denise Tolfo; Córdova, Fernanda Peixoto **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

SOUTO, Ângela Maria da Silva; SOUSA, Vilma de. **Língua Portuguesa:** Currículo Básico Comum do Ensino Fundamental. Belo Horizonte: SEE-MG, 2008.

SOUZA, Luana R. dos S. et al. Literatura de cordel: Um recurso pedagógico. *Revista Eletrônica do Centro Universitário do Rio São Francisco*, Bahia, BA, v.. 12, n. 17, p. 75-90, jul. 2018

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no Brasil:** Os folhetos e a função circunstancial. Brasília: UniCEUB, 2008.